

Na sequência dos seus números temáticos, é esta edição da Revista “*Nação e Defesa*” dedicada à ONU, organização tão discutida como indispensável.

Com a crise actual desencadeada a partir de 11 de Setembro de 2001, a ONU tem estado no centro dos acontecimentos e, em Portugal, é particularmente mal tratada pela muita ignorância com que aqui se acompanham os assuntos internacionais, balançando-se facilmente entre o nulo e o absoluto. Pelas expectativas exageradas que são colocadas na ONU e pelos resultados concretos alcançados, esta é facilmente criticada.

Mas há alternativas?

Como tem sido dito recentemente, tem-se vivido até agora com instituições que são consequência do final da II Guerra Mundial, a ONU, a OTAN e a CEE/UE. O mundo alterou-se radicalmente no período 1989/91 (queda do Muro de Berlim, reunificação da Alemanha, implosão da URSS, Guerra do Golfo 90/91, Tratado de Maastricht) mas o Sistema Internacional com que temos vivido tem sido o mesmo, embora com grandes distorções, o que tem sido razão para maior instabilidade geral (entre 48/88 a ONU realizou 13 Missões de Apoio à Paz, enquanto que de 89 a 2000 tal quantitativo se elevou a 40), adicionando-se o avanço imparável da globalização económica e financeira sem regras reguladoras, culminando com o ataque da transnacional terrorista de Bin Laden a Nova York e Washington. A partir daqui a História é bem conhecida.

Em termos de Sistema de Relações Internacionais, o 11 de Setembro e as suas consequências marcam verdadeiramente o final da Guerra Fria e o mundo passa agora por uma fase de reajustamento estando mesmo em causa as três grandes instituições criadas post-1945 e que atrás foram citadas.

O que significa também que vêm à superfície todos os grandes interesses nacionais e económicos, desejando colocar-se na posição mais favorável, para melhor poderem influenciar a nova Ordem Internacional que irá surgir.

Daqui que se tenha de compreender o caso do Iraque apenas como um episódio importante, embora parcelar, e não o objectivo final do jogo pelo Poder que se vem travando.

O desejo de imposição da vontade imperial dos EUA, a vontade de alguns países europeus de quererem uma Europa mais interveniente sob a sua direcção, o acompanhamento atento da situação feito pela Rússia realizando acordos de conveniência de acordo com os seus interesses permanentes, a ascensão que irá ocorrer inevitavelmente da China, da União Indiana e do Brasil estão sempre presentes.

E ao mesmo tempo, acontece este fenómeno novo do terrorismo transnacional, cataclísmico, sem base territorial, que põe em causa e ameaça todos os poderes constituídos.

Toda a tecnologia, capacidade financeira, de organização e liderança aproveitando todas as oportunidades da globalização e as facilidades dadas aos movimentos de pessoas e capitais nos diferentes países, principalmente no ocidente, são utilizados. E tudo posto ao serviço da tese premonitória de Samuel Huntington do Choque das Civilizações.

Perante esta situação, num mundo que irá inevitavelmente mudar, há alguns que vêm dizer que a ONU é dispensável e irrelevante. Só uma grande irresponsabilidade, ignorância ou interesses pouco claros podem sustentar posições como esta.

É preciso saber-se muito pouco da História e dos mecanismos de Poder para se tentarem defender tais posições. É exactamente o contrário; o que precisamos é de mais ONU e de melhor ONU.

Chegámos no Século XX à ligação/globalização entre todas as parcelas do Mundo, o que demorou alguns séculos a conseguir (exactamente cinco). Arnold Toynbee dividiu a História Mundial nos períodos pré-gâmico e post-gâmico, pois foi com as viagens de Vasco da Gama que tais parcelas separadas do Mundo se começaram a ligar, a que se juntaram as viagens de Cristovão Colombo e as de Pedro Álvares Cabral, que em 1500 ligou pela primeira vez quatro Continentes (Europa, América, África e Ásia). Tal significa que religiões, culturas e civilizações se foram desenvolvendo separadamente e a ligação, quando ocorreu, implicou sempre choques e incompreensões, ao lado de uma interpenetração cada vez mais conseguida.

Se se compreender que no mundo existem hoje 191 nações, com todos os seus interesses, por vezes convergentes, mas também divergentes e conflituais; se se souber que todas elas estão representadas na ONU e que os choques existentes no globo se transferem para a organização e suas Agências especializadas; se se souber que a ONU tem de viver com as contribuições orçamentais dos seus associados que por vezes se atrasam nos pagamentos, então compreender-se-á melhor as dificuldades da ONU, as suas limitações e compromissos.

Mas esta é desde 1945, uma conquista de toda a Humanidade onde na altura só havia 51 países signatários. É organização que se pode corrigir, melhorar, modernizar, mas nunca deixar destruir ou abandonar.

O que as Agências especializadas da ONU têm conseguido é imenso e teria sido difícil fazer melhor (Ambiente, Alimentação, Direitos Humanos, Crianças, Património, Saúde, Recursos, etc).

É evidente que a ONU tem dificuldades, principalmente quando os choques de interesses se concretizam, arrastando problemas de paz e de guerra e a procura de soluções que por vezes são muito difíceis de encontrar.

Tem sido com a ONU que se tem conseguido elevar e reforçar todo um edifício de Direito Internacional, antes inexistente, que não pode ser desperdiçado.

O facto de haver países que só aceitam as resoluções da ONU conforme estão de acordo com os seus interesses faz parte da dialéctica que sempre dominou a relação entre o interesse da humanidade e os interesses nacionais, o que não é em si uma novidade.

A ONU integra em si o princípio da inclusão, a ideia de que o Mundo só é viável e nele valerá a pena viver, se para todos houver lugar, independentemente da raça, credos religiosos ou ideias. É um caminho que se recomeça todos os dias e que se descobre caminhando. Já não há questões que possam ser bem resolvidas se não houver uma visão global, das próprias limitações da humanidade e de cada Nação.

Mesmo os EUA, o maior poder de sempre (sem competidores nas áreas industrial, militar e aeroespacial bem como nos domínios das armas de destruição maciça, das novas tecnologias, do orgulho nacional, da tomada de decisão e da capacidade de projecção cultural), passam por dificuldades económicas e financeiras, e se têm capacidades militares para destruir todos os opositores que eventualmente se apresentem, estão não só em grave risco com os novos tipos de ameaças do terrorismo transnacional, como não podem avançar sozinhos, sem o apoio político de aliados, para qualquer tipo de intervenção militar mais ambiciosa.

Por outro lado, problemas tão complexos e vitais para a Humanidade não podem ser resolvidos com base em fundamentalismos ideológicos ou religiosos; terá de haver uma visão dos interesses da humanidade e de todas as suas componentes, capacidade de compromisso, como tem Koffi Annan, para se chegar às soluções que a todos possam beneficiar.

Esta edição da Revista “Nação e Defesa” pretende ser um pequeno contributo para essa reflexão sobre a importância, indispensabilidade e necessidade de modernização da ONU, para que o seu serviço possa responder melhor aos interesses de toda a Humanidade.